

LEITURAS DO SERTÃO NO ENSINO BÁSICO

Fernanda Ramos Lacerda¹
Manuella Souza Ferraz²
Patrícia Silva Couto D'Esquivel³

Resumo

A extensão territorial do Brasil lhe confere paisagens com características físicas, sociais e econômicas diversificadas. Essas características e a memória coletiva que nasce das relações estabelecidas em cada um desses espaços demonstra a peculiaridade que fica enraizada na história, na cultura, nos atos e ações que os compõem. O presente artigo aborda sobre o sertão, partindo do pressuposto de que existe um sertão vivo no imaginário popular e outro que é o espaço geográfico com paisagem e relações sociais construídas historicamente. O que povoa o imaginário popular na relação entre Vitória da Conquista e o sertão? Quais são as histórias sobre o sertão que ao serem ouvidas e vividas remetem à memória coletiva? Para elucidar esses questionamentos, foi realizada pesquisa em uma Unidade Escolar, tendo como principal objetivo compreender qual é a visão dos alunos do Ensino Fundamental sobre sertão e como eles o relacionam com Vitória da Conquista. Orientou-nos a pesquisa do tipo qualitativa etnográfica e os princípios teórico-metodológicos de autores como Geísa Flores Mendes, Rui Medeiros, Edgar Morin, Paulo Freire, Rui Moreira, e Maurice Halbwachs.

Palavras-chave: Sertão. Memória. Vitória da Conquista.

Resumen

La extensión territorial de Brasil da con paisajes diversificados física, social y económica. Estas características y la memoria colectiva que nace de las relaciones que se establecen en cada una de estas áreas demuestra la particularidad de que tiene sus raíces en la historia, la cultura, los actos y las acciones que los componen. En este artículo se discute sobre el interior del país, en el supuesto de que existe una salvaje viven en la imaginación popular y la otra es que el espacio geográfico con el paisaje y las relaciones sociales históricamente construidos. Lo que puebla la imaginación popular en la relación entre Vitória da Conquista y de la travesía? ¿Cuáles son las historias sobre la travesía que cuando escuchó y experimentó referencia a la memoria colectiva? Para dilucidar estas cuestiones, se realizó una encuesta en una unidad escolar, con el objetivo primordial de comprender lo que es la visión de los estudiantes de primaria sobre backcountry y cómo se relacionan con Vitória da Conquista. Nos guió a una investigación etnográfica cualitativa y principios teóricos y metodológicos de autores como GEISA Flores Mendes, Rui Medeiros, Edgar Morin, Paulo Freire, Rui Moreira, y Maurice Halbwachs.

Palabras clave: interior del país. Memoria. Vitória da Conquista.

¹ Especialização em Educação, Cultura e Memória pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB. Graduada em Licenciatura em Geografia pela UESB. Email: nandarlacerda@hotmail.com

² Especialização em Psicopedagogia pela Universidade Norte do Paraná. Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Sudoeste de Bahia- UESB. Email: manuellaf@gmail.com

³ Especialização em Educação, Cultura e Memória pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB. Graduada em Licenciatura em Geografia pela UESB. Email: patriciascouto@yahoo.com.br

Espaço/Tempo

“Sertão é dentro da gente.”

Guimarães Rosa,

Grande Sertão: Veredas

Diante da fragmentação da vida, do corre-corre diário, as migrações pendulares e os laços frágeis deixam o tempo escorrer e desenham no espaço a história das sociedades. Mas que espaços são esses que carregam a importante tarefa de reconstruir as lembranças? Que espaços são responsáveis por abrigar tantas memórias?

Esses espaços são as cidades. Cidades que abrigam praças, ruas, becos, bares, feiras, casas, edifícios, bairros e instituições. Esses espaços e lugares que se configuram como públicos ou privados são fundamentais para construção e solidificação de identidades.

Grandes ou pequenas, no litoral ou no interior as cidades possuem algo incomum, elas se constroem entre vivências e narrativas e enchem de referenciais o imaginário popular. Para Delgado,

As cidades são cristais de múltiplas faces espaciais e temporais, cristais de variadas luzes, entre elas as da memória, que, com sua temporalidade sempre em movimento, reencontra os lugares de ontem com os sentimentos do presente.⁴

Esse reencontro dos lugares de ontem com os sentimentos do presente nos faz lembrar que as cidades estão em constante movimento, não só em suas construções, mas em suas representações.

A cidade de Vitória da Conquista, situada na Região Sudoeste da Bahia, é uma dessas cidades que trazem os lugares do passado cercados pelos sentimentos do presente. A cidade que cresce aceleradamente pelas frangas e para o alto não deixa de apresentar características bem peculiares, é possível observar prédios do século XVIII com toda sua fiel arquitetura, ao lado de edifícios cravejados de vidro e granito do tempo de agora.

A convivência entre esses dois aspectos nos faz compreender que os espaços vão se resignificando à medida que as relações sociais são estabelecidas e desenvolvem atividades culturais, econômicas, sociais que modificam o meio natural.

É no lugar que se tem dinamicidade, ocorre à experiência vivida, cheia de conteúdos, onde se faz e refaz o cotidiano, onde acontece a reprodução da vida. (privada, lazer, trabalho). Diante da unicidade aparente, falseia-se o peso do lugar, espaço privilegiado das manifestações, das solidariedades, do

⁴DELGADO, Lucilia de Almeida Neves.(Org.) História oral: memória, tempo, identidades. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 117

cotidiano. Reconhece que é no lugar que a vida se realiza em todas suas dimensões.⁵

Nessa visão de lugar compreendemos que pertencer a um espaço é dar significado às relações naturais e também sociais estabelecidas nele. Se visivelmente, Conquista, como é carinhosamente chamada por seus moradores, apresenta contrastes singulares, em suas representações no imaginário popular a cidade se mostra ainda mais contraditória. Mesmo com a busca pela modernidade a cidade preserva na memória dos mais velhos o registro dos tempos de vila, de povoado, de tranquilidade e sossego. Basta conversar com nossos pais e avós sobre a antiga cidade para ver brilhar os olhos e um suspirar choroso encher a boca pra dizer da saudade.

Quando essas relações são vividas estabelecem uma identidade, afloram os vínculos afetivos e compõe um caráter único para as diferentes formas de entender as modificações de um determinado espaço.

[...] a dimensão da história que entra e se realiza na prática cotidiana (estabelece um vínculo entre o ‘de fora’ e o ‘de dentro’), instala-se no plano do vivido e produz o conhecido- reconhecido, isto é, é no lugar que se desenvolve a vida em todas suas dimensões. Também significa pensar a história particular de cada lugar se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é o que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição do mundial.⁶

A história de cada lugar passa a ser construída sobre esse espaço repleto de relações naturais e sociais que se desenrolam em todas as direções, ela se faz pela junção de elementos próprios que se relacionam com o mundo externo cotidianamente. É no dia a dia que os costumes criados são ratificados, fazendo os traços culturais, os valores e as tradições serem repassados, reconstruídos na memória, lembrados com afeto.

Vitória da Conquista é representada no hino da cidade como “Jóia do Sertão Baiano”, mas geograficamente fica numa área de transição entre a Zona da Mata e o Sertão. Então como se configura este sertão de Vitória da Conquista? Quais os sentidos que envolvem esse sertão? Depois de tantas transformações no espaço e no tempo a cidade é reconhecida como sertão?

⁵SILVA, Mary Anne Vieira. Cotidiano e Lugar: interpretações conceituais numa leitura geográfica para uma prática de ensino. Anais: II EDIPE II Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino 04 a 06 de novembro de 2007 – Anápolis – GO. p. 6.

⁶CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no / do lugar. São Paulo, HUCTEC, 1996. p. 20

Essas perguntas nos aguçaram a curiosidade e fomos em busca de respostas dentro da escola, nos perguntando: será que os sentimentos do presente reconhecem os lugares do passado? As crianças que já nasceram na Vitória da Conquista modificada, transformada em ‘cidade grande’, que referência elas tem de sertão? Para Delgado⁷ “a narrativa contém em si força ímpar, visto ser também instrumento de retenção do passado e, por consequência, suporte do poder do olhar e das vozes da memória.”

Assim, Vitória da Conquista, como outros lugares, é um espaço de vivências coletivas e individuais, que são retratadas por traços culturais, arquitetônicos, sentimentais que religa pela memória os lugares perdidos frente às transformações ocorridas. Esse relembrar solidifica as identidades, dá corpo ao que já foi e cedeu lugar para espaços novos. Não podemos entender a dinâmica de um lugar sem relembrar a sua história. “O passado espelhado no presente, reproduz através de narrativas, a dinâmica da vida pessoal em conexão com processos coletivos.”⁸

O estudo de um lugar reflete então, a confluência dos elementos naturais, sociais, econômicos e culturais. Esses elementos se interagem de forma dinâmica modelando sobre velhas estruturas novas formas de olhar para o mundo. Um desses lugares que permanece vivo no imaginário popular, na memória, na história, na literatura e nas relações, é o sertão. A capacidade de sentir essa relação individual e coletivamente é escrita através da cultura popular que não se deixa submergir ao mundo moderno, nem tão pouco se restringe aos termos físicos, mas que conversa com eles proporcionando novas formas de ler o desenrolar da vida.

Vivências

*“O sertão é sem lugar.”
Guimarães Rosa,
Grande Sertão: Veredas*

O sertão não é apenas um termo geográfico é também uma cultura. Falar de sertão é entender que esses dois termos se integram dentro desse espaço que é muito mais amplo que as fronteiras climáticas que demarcam a seca.

A cultura sertaneja apresenta características das três diferentes etnias que formaram o seu povo: índios, negros e europeus, motivo pelo qual se tornou muito rica e diversificada. A

⁷ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves.(Org.) História oral: memória, tempo, identidades. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 10

⁸ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves.(Org.) História Horal: memória, tempo, identidades. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.16.

identidade cultural nasce da unificação desses mundos formando um povo com características peculiares e uma representação cultural própria, como afirma Stuart Hall,

Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos- *um sistema de representação cultural*. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia de nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu ‘poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade’.⁹

Sertão como uma comunidade simbólica tem na música, ritmos populares tais como coco, xaxado, martelo agalopado, samba de roda, baião, xote, forró, dentre outros. Há, ainda, uma vasta e arraigada literatura popular de cordel que remonta ao período colonial, a literatura de cordel veio com os portugueses e tem origem na Idade média europeia, e numerosas manifestações artísticas de cunho popular que se manifestam oralmente, tais como os cantadores de repentes e de embolada. Para Mendes,

Sertão é sempre plural, e essa pluralidade, permeada de relações dinâmicas, é continuamente marcante nas suas representações. Sertão é, assim, lugar e território, espaço movente. Os seus sentidos não se enquadram em singularidades, antes, são transpassados por uma multiplicidade de memórias que, numa estreita simbiose, por sua vez, vão gerar uma pluralidade de representações sociais.¹⁰

Dessa maneira pode-se afirmar que os traços culturais que representam o sertão estão presentes na memória coletiva e para Halbwach, “[...] não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial”¹¹, e são evocados de maneira folclórica nas chamadas festas populares muito conhecidas no nordeste brasileiro, como o São João, são traços marcante da cultura do homem sertanejo.

Contudo no imaginário popular o sertão é estereotipado como sofrido, talvez o seja, entretanto há mais riquezas culturais do que sofreguidão entre a gente sertaneja. O sertanejo é um consciente de sua história. História essa contada por escritores, jornalistas e poetas, mais também retratada no dia a dia, nos trabalhos manuais, na comida, nos poemas. Na vida que se desenrola para além das condições climáticas.

Esses contadores de histórias reproduzem o sertão que conhecem ao mesmo tempo em que criam um novo sertão para seus leitores, esses por sua vez evocam memórias de um lugar, muitas vezes desconhecido.

⁹ HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005. p. 49

¹⁰ MENDES, Geisa Flores. *Sertão se traz na alma?* Território/lugar, memória e representações sociais. 2009. 250f. Tese (Doutorado em Geografia) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2009. p. 110

¹¹ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006. p.117

Halbwachs afirma que “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós.”¹² Sob essa ótica, pode-se compreender essa história como uma representação da memória coletiva de um grupo social específico, como a população nordestina. Dessa maneira há uma relação intrínseca entre a produção de um povo e memória.

A memória está relacionada com o sentimento de pertença popular, as crenças, formas de agir e pensar e está conectada a identidade do povo e as suas representações sociais. Pode ser percebida a partir do processo de transmissão de informações. Os artefatos, utensílios, conhecimentos e tradições populares transmitidas de geração em geração, além dos suportes folclóricos, literários e culturais,

A memória é uma fonte de conhecimento. Isso significa que faz mais do que fornecer um conjunto de categorias através do qual, de um modo inconsciente, um grupo habita o seu meio; dá também ao grupo matéria de reflexão consciente. Isso significa que devemos situar os grupos em relação às suas próprias tradições, descobrindo como interpretam os seus “fantasmas” e como os utilizam para fonte de conhecimento.¹³

O sertão é, assim, um espaço vivo de significados e resignificações culturais. É na memória coletiva que se guarda esse tesouro cultural no sertão do nordeste brasileiro, em que a história aparece intimamente ligada à consciência social, na medida em que há uma continuidade entre a evocação do passado e o presente da vida da comunidade. Entretanto, estas imagens de continuidade ininterrupta costumam ser meras ilusões, na medida em que a transmissão da memória social é um processo de evolução e mudança.

Dessa maneira pode-se afirmar que o estudo da memória ajuda a manter viva a história de um povo, não deixando os traços culturais se tornarem vítimas do silêncio. Dentro dessa perspectiva, a compreensão do sertão através do estudo das representações sociais ajuda o aluno a compreender melhor as vivências coletivas, uma vez que ele próprio tem um sentimento de pertença elaborado por suas memórias.

¹² HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006. p.30.

¹³ FENTRESS, Jamieson; WICKHAM, Chis. *Memorial social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema, 1992. p. 42.

Saberes

“O sertão é do tamanho do mundo.”

*Guimarães Rosa,
Grande Sertão: Veredas*

A produção do conhecimento no campo educacional é cheia de arestas que sustentam um sistema analisado por alguns estudiosos como uma produção mecânica, por outros como um sistema que clama por mudanças, por outros ainda como uma realidade histórico-cultural. Diante dessas complexas análises ficamos com a ideia de que o modelo educacional precisa integrar os saberes, entendendo que a subjetividade assume um papel importante dentro da produção do conhecimento.

A possibilidade que nasce de um saber integrado, saber esse que relaciona o científico com a tradição, adquire um caráter real para o educando favorecendo a relação entre as informações adquiridas. Estamos falando de integração entre mundos aparentemente distantes, mas que possibilitam partindo do real uma ampliação das ideias já existentes. Começar entendendo o mundo que o cerca, a realidade presente para depois correlacionar com o saber produzido dentro das academias, relatados em livros didáticos, por vezes pouco profundos e desconectado com a realidade local.

O educador tem a função de criar essas pontes entre as informações possibilitando a produção de conhecimento. Para Gamboa:

A atividade da consciência é mediação imprescindível das atividades da educação, a experiência da vivência subjetiva é condição inelutável de todo e qualquer saber sobre a condição humana e sobre todos os aspectos em que ela se desdobra na efetividade do real. Mas, de outro lado, a consciência é igualmente o lugar privilegiado das ilusões, dos erros e da ideologia, sendo o alcance de sua atividade constantemente ameaçado de ficar comprometido.¹⁴

O processo educacional visto como uma relação entre os saberes reconhece a intervenção da subjetividade dentro dele, porém ao rearticular esses saberes o faz com grande cuidado observando os conceitos pertinentes. A ideia é integrar de forma rigorosa e consciente.

A educação aqui está ligada a uma formação social, que possibilita o reconhecimento da realidade em que está inserida frente a uma realidade maior. Não se pode perder a função social da educação. A experiência cotidiana vivenciada pelo educador revela as nuances dessa relação estabelecida entre o mundo real e o mundo científico. A prática, os gestos concertos dentro da relação aprender e ensinar podem acentuar ou atenuar a separação estabelecida, por

¹⁴ GAMBOA, Silvio Sánchez. Pesquisa em educação: métodos e epistemologias. Chapecó: Argos, 2012. p. 12

décadas, entre esses dois mundos se isso ocorrer não teremos educação, conhecimento, nem tão pouco formação social.

Essa configuração de ciência favorece e sustenta uma sociedade que naturaliza, justifica ou autoriza a divisão de classes e a exclusão social, e isso por meio de bipolarizações sucessivas: aristocratas e povo, cultura erudita e popular, elite intelectual e cidadão comum.¹⁵

Se falarmos de realidades vazias pouco se estimula a visão indagadora e criativa dos alunos e criamos uma relação educacional passiva com conhecimentos memorizados. “[...] A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria / Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo. [...]”¹⁶

Pensamos que dar vida ao processo educacional é torna-lo íntimo, uma relação coletiva/individual cuja experiência parta das relações estabelecidas entre o meio e a sociedade que o transforma de acordo as suas necessidades chegando a relações mais globais. Não é transferir informações é analisa-las para chegar ao conhecimento.

O diálogo é um grande ponto nessa relação, pois permite a troca de experiências, de vivências e aproxima como afirma Paulo Freire mundos. O professor que toma consciência da sua inconclusão, descobre na educação a relação entre o aprender e o ensinar.

Como é possível transformar informação em conhecimento se essa não passa pela dimensão humana e social entendida pelo aluno?

A escola quando assim se firma é um espaço alheio, solto, sem unidade, sem integração, podendo não ser vista como algo real que forma para além dos muros. “Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar.”¹⁷

Com esse artigo, buscamos uma reflexão que coloque a ciência como uma das formas de pensar o mundo, sem perder sua importância, ela deve traçar caminhos juntamente com outros saberes que refletem os traços culturais. Não deve existir uma sobreposição de um saber em relação ao outro, afinal como afirma Almeida:

A cultura que recebemos hoje por herança funda-se na divisão de dois domínios de saberes: de um lado, a Ciência; de outro, os saberes da tradição. Hegemonia de um domínio sobre o outro e a incomunicabilidade entre eles se constitui um dos problemas cruciais do nosso tempo. Mesmo que não seja desejável a unificação de estilos diferenciados de dialogar com o mundo, é

¹⁵ ALMEIDA, Maria Conceição de. Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010. p. 44

¹⁶ FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 24

¹⁷ FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 26

inadmissível o paralelismo de saberes que têm em comum o mesmo desafio: tornar possível e prazerosa a vida humana na Terra.¹⁸

Todo saber que nasce no seio da sociedade deve ser valorizado e utilizado em sala de aula para tornar real o saber científico. Nesse artigo a relação estabelecida é entre Sertão e Vitória da Conquista. Será que nossos alunos compreendem o espaço físico, social, cultural, econômico que é Vitória da Conquista? E qual a relação estabelecida no imaginário dos alunos entre Vitória da Conquista e sertão?

Os traços culturais que configuram o sertão ampliam nosso olhar frente as características climática que configura esse espaço. Por vezes o sertão é visto apenas como uma unidade climática com baixa umidade, demarcada nos mapas como uma faixa pertencente ao nordeste. Mas falar de sertão é ir além dessas características geográfica. O sertão é formado por um povo que sobre esse solo escreve a sua história permeada de música, danças, contos, causos, rendas pontos e nós.

Esse sertão não pode ser deixado de lado, pois ele fala da realidade vivida por nossos alunos. É na escola que esses saberes se misturam, os conceitos se fundem, que as resignificações ganham forma e o que se vive e o que se aprende passam a se comunicar intimamente, trazendo as representações sociais e a memória coletiva para o ambiente escolar.

Reencontrar

*“O sertão não tem janelas, nem portas.
E a regra é assim.”
Guimarães Rosa,
Grande Sertão: Veredas*

Com a pesquisa realizada no Instituto Educacional Brasil com alunos do 5º ao 9º ano do ensino fundamental II, podemos ter uma idéia da importância das narrativas e da ligação entre os saberes populares (ou saberes da tradição) e o saber científico na sala de aula. Observando algumas falas quando perguntamos “O que é sertão?” tivemos essas respostas:

“Sertão uma área sem água, feia por ter uma vegetação arbustiva” (E.R. 6ºano)

“O sertão é um lugar onde passa por muita seca com falta de chuva onde faz bastante calor” (M.G. S. 8ºano)

“Sertão é uma região do Brasil nordestino” (T.R.A 8ºano)

“é uma sub-região da Bahia” (A.A.S. 7º ano)

“Lugar onde ocorre pouca chuva e é muito seco” (E.S.A. 6ºano)

¹⁸ ALMEIDA, Maria Conceição de. Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010. p. 58

“Sertão pra mim tem seca, matas e é muito difícil ter água” (M. 5º ano)

“Localidade em que existe seca e que chove muito pouco mesmo. Pessoas ficam doentes, animais morrem pela falta d’água, etc.” (A.C.V.S. 6ºano)

“Sertão é uma terra em que há muita seca, um calor intenso e plantas e animais mortos” (D.A.T. 9ºano)

“Lugar onde muitas pessoas sofrem com a seca, mas também onde tem muita cultura e famílias humildes.” (M.F.S.G. 8ºano)

“Uma região castigada pelo sol, com dificuldades na agricultura, pecuária e para viver”. (B. 9ºano)

As demais respostas, com cerca de oitenta alunos entrevistados, seguem esse mesmo padrão, sempre definindo o sertão como seco, quente, sub-região, calor, não chove, entre outras. O sertão construído no imaginário dos alunos é distante das características culturais, as definições estão pautadas em uma relação estabelecida com os livros didáticos que apresentam o sertão como uma unidade climática e em falas preconceituosas observadas nos jornais e revistas, que ainda reduzem o sertão a uma região miserável do Brasil.

Quanto à pergunta: “Podemos afirmar que Vitória da Conquista é sertão? Explique sua resposta.” obtivemos as seguintes respostas:

“Um pouco, a cidade está deixando de lado as coisas mais simples e se urbanizando” (I.A. 9ºano)

“Não porque é uma cidade bem desenvolvida” (J.S. 6ºano)

“Não porque Conquista é uma cidade muito fria” (D.A.S. 7ºano)

“Sim, Vitória da Conquista é a joia do sertão baiano. Mas Vitória da Conquista não tem aquele sertão que é muito seco mas agora está passando pela seca” (S.V.N. 5ºano)

“Não, pois chove com frequência e tem clima frio” (J.S.Q. 8ºano)

“Mais ou menos, pois Conquista é um lugar alto onde muitas vezes faz frio” (G.S.O. 7ºano)

Percebemos que com a segunda pergunta os alunos ficaram indecisos ao responder, pois intimamente sabem que vivem a cultura do sertão, mas não conseguem associá-la as características geográficas, biológicas e históricas que aprendem na sala de aula.

Concluimos que nossos alunos entendem o sertão como um espaço relacionado ao clima, como espaço geográfico unicamente, e não como um espaço cultural. E não relacionam o sertão com a memória coletiva e com as representações sociais que eles vivem. Tudo isso deve-se a separação entre o saber científico e o saber tradicional, se esses dois saberes fossem trabalhados de forma integrada desde cedo na escola, os alunos aprenderiam a correlacionar o

que vivem fora da escola como as histórias ouvidas por seus pais, com o que aprendem no ambiente escolar, e a religação dos saberes seria algo mais simples de se processar.

Sertão é sim um lugar com características físicas próprias, mas sertão também é um lugar que não podemos apontar nos mapas porque ele se faz nas relações. É na memória que buscamos o significado desse outro sertão. As representações, os cheiros, as melodias, as pinturas, o fruto maduro no pé, o novo e o antigo tudo isso é sertão e o encontramos quando convivemos e entendemos o lugar que nos cerca. Esse é o saber da tradição que nasce de um povo e é passado no dia a dia, na convivência.

Não podemos fazer do saber popular ou dos traços culturais dentro das unidades escolares um dia fixo no calendário onde celebramos intensamente e exageradamente certo aspecto, a cultura é o que somos, e isso deve ser ensinado da mesma forma que os conceitos científicos. Fazendo o aluno entender e resignificar a sua condição social.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no / do lugar**. São Paulo, HUCTEC, 1996.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves.(Org.) **História oral: memória, tempo, identidades**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FENTRESS, Jamiesmn; WICKHAM, Chis. **Memorial social: novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa: Teorema, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. Chapecó: Argos, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

MENDES, Geisa Flores. **Sertão se traz na alma? Território/lugar, memória e representações sociais**. 2009. 250f. Tese (Doutorado em Geografia) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2009.

SILVA, Mary Anne Vieira. **Cotidiano e lugar: interpretações conceituais numa leitura geográfica para uma prática de ensino**. Anais: II EDIPE II Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino 04 a 06 de novembro de 2007 – Anápolis – GO.